

MAMÃE, EU QUERO

anotações sobre a (m)ama/amada do trovador

LÚCIA CASTELLO BRANCO

«Mas, todo púrpuro, a sair da renda
Dos teus dois seios como duas rolas,
Era o supremo encanto da merenda
O ramallete rubro das papoulas».

CESARIO VERDE

Mãe: «mulher ou qualquer fêmea que deu à luz um ou mais filhos».

Ama: «mulher que amamenta por ajuste criança alheia».¹ Mãe e ama são palavras que, em português, se aproximam por relações de homofonia e sentido, embora mantendo uma estratégica distância semântica: não se constituem em categorias intercambiáveis. Aliás, é com base nessa não intercambialidade, nessa não sinonímia, que os dois termos se sustentam: só se é a ama quando não se é a mãe; não há como ser mãe e ama de uma mesma criança. É, portanto, através do elo da **maternidade** (natural ou «situacional») que se estabelecem o parentesco e a diferença entre os dois significantes.

Foi certamente buscando marcar essa diferença, a distância intransponível entre a ama e a mãe (e, em consequência, entre a ama e a criança), que o trovador D. João Soares Coelho ousou ir além das austeras normas do amor cortês e cortejar não a «Senhor» altiva, nobre e celestial, mas a ama terrena do dia-a-dia:

Atal vej'eu aqui ama chamada
que dê'-lo dia en que eu naci,
nunca tan desguisada ⁽¹⁾ cousa vi,
se por ãa d'estas duas non é:
por haver nom' ⁽²⁾ assi, per boa fé,
ou se lh'o dizen por que est'amada.

Ou por fremosa, ou por ben-talhada.
Se por aquest'ama dev'a ser,
é o ela, podede'-lo crer,
ou se o é pola eu muit'amar,
car ben lhe quer'e posso ben jurar:
poi'-la eu vi, nunca vi tan amada.

E nunca vi cousa tan desguisada
de chamar ome ama tal mulher
tan pastorinh' ⁽³⁾ e se lh'o non disser'
por tod'esto que eu sei que lh'aven:
porque a vej'a todos querer ben,
ou porque do mund' é a mais amada.

E oide como vos eu disser',
que, pero me Deus ben fazer quiser',
sen ela non me pode fazer nada! ²

(1) desguisada: estranha

(2) nom': nome

(3) pastorinh': pastorinha, jovem

O leitor desatento ou apressado pode não ver nesta cantiga de amor mais do que a brejeirice do galanteio trovadoresco de quem, como observa Rodrigues Lapa,³ sabe usar, sem abusar, de trocadilhos graciosos, como esse da ama/amada. Uma leitura mais cuidadosa apontará, no entanto, para outras direções, precisamente para aquelas das quais o poeta parece querer desviar os olhos do leitor, já que elas se constituem no próprio desvio às normas de seu tempo e de sua cultura.

Tais desvios não passaram despercebidos por alguns ouvintes não ingênuos, contemporâneos de D. João Soares Coelho. Estes, ávidos por uma réplica satírica nos moldes do escárnio ou do mal dizer, não se contiveram diante da ousadia do trovador, respondendo-lhe com cantigas que acentuavam o caráter nada nobre e nada elevado de seu amor pela ama. Houve mesmo quem fosse mais longe — exatamente ao entrecruzamento da dupla leitura da cantiga, à bifurcação do desvio — e estranhasse esse excêntrico prazer de D. João Soares Coelho em trovar por «amas mamadas».⁴ É nesse momento que o escárnio adquire uma feição nitidamente crítica, descortinando aquilo que a mesura e a cortesia procuravam manter velado: o amor pela ama não consiste num amor qualquer, mas encobre a atração pela mãe/mama; primeiro objeto de desejo, espaço do prazer ilimitado e, portanto, aterrorizante para o trovador.

A tentativa de D. João Soares Coelho é, de fato, a de negar qualquer proximidade com esse território incestuoso da mãe. A ama que ele procura apresentar ao leitor se desenha em oposição à figura materna, distinguindo-se exatamente como a «não mãe»: é «pastorinha» (jovem), «fremosa», «ben-talhada»; oposta, portanto, à figura senhorial da mãe austera e assexuada.

O trocadilho ama/amada, pontuando a cantiga como um leitmotiv, não serve a outro propósito: afinal, a palavra ama, além de estar contida em amada (e ser, portanto, menor que amada), indica uma situação ativa, enquanto a amada, ama apassivada, não é mais que um mero objeto de desejo — ou de louvor — do poeta.

O trovador chega mesmo a reiterar a situação de amada da ama, ao sugerir que tenha sido seu amor por ela que assim a tenha nomeado: «se por ùa d'estas duas non é:/ por haver nom' assi, per boa fé,/ ou se lh'o dizen por que est' amada». Revela-se claramente aqui a tentativa de negação do espaço incestuoso, onde a ama passa a existir não enquanto mãe, mas enquanto mulher sexuada, musa eleita e nomeada pelo homem-poeta («chamar ome ama tal molher»), num processo diametralmente oposto ao que ocorreria se de fato ela se situasse como mãe.

Entretanto, em meio a esse discurso que se pretende escamoteador de uma realidade incestuosa, e que procura na imagem da ama um

decalque da amada, um outro retrato de mulher — precisamente aquele que é recalcado — vai se afigurando: o da ama/mãe, ou da «ama mamada» (ou «mama amada»), como observou o satírico trovador.

A referência à presença da ama quando do nascimento do poeta («dê-lo dia em que eu naci»), oposta à tentativa de caracterizá-la como jovem (pastorinha), e suas qualidades de «bõa fé», de portadora de um amor incondicional e universal («porque a vej'a todos querer ben»), ou ainda de mulher mais amada do mundo («ou porque do mund' é a mais amada»), colaboram na composição desse retrato da ama/mãe. Além disso, a última estrofe, em que o poeta parece se render definitivamente a esse amor que o domina, serve também para compor o quadro mãe/filho, em que este, numa situação de extrema dependência, não poderia sobreviver sem aquela: «É oide como vos eu disser' / que, pero me Deus ben fazer quiser', / sen ela non me pode fazer nada!»

É claro que em nenhum desses momentos a figura da ama/amada desaparece por completo. Aliás, é a superposição das duas imagens, a da ama/amada e a da ama/mãe, que confere o caráter ambíguo à cantiga. Além disso, a dependência afetiva, que se revela claramente na última estrofe, e a caracterização da mulher como a mais amada do mundo estão perfeitamente de acordo com o retrato trovadoresco da «Senhor». Mas não é esse mesmo retrato, afinal, que, nas cantigas de amor, se confunde com a imagem da Virgem Maria, mediadora entre o céu e a terra, mãe por excelência de todos os mortais? ⁵ E não seria essa função de mãe, além da ingressão na vida religiosa, a única saída digna para a mulher medieval? É, pois, natural que, no imaginário do poeta, a amada pura e inatingível e a mãe santificada viessem a se amalgamar. No entanto, no momento em que o desejo ousa aflorar (ainda que travestido de um discreto amor cortês), essas duas imagens devem se distinguir: mãe e ama precisam se definir como categorias excludentes para que a ama possa ser amada, cultuada enquanto objeto de desejo. Só assim se pode compreender o fato de «chamar ome ama tal molher», já que é somente nessa situação que é permitido ao homem desejar tal mulher.

Não foi por acaso, portanto, que esta cantiga de amor causou tanto escândalo em meio à sociedade trovadoresca. Afinal, D. João

Soares Coelho ousara muito mais do que seus adversários tentavam sugerir. Sua ousadia não consistia apenas no fato de ter cortejado uma mulher de baixa condição econômica, como observa Rodrigues Lapa,⁶ mas reside na manifestação de seu desejo interdito, na interseção dos dois significantes que serviram a seu trocadilho brejeiro — a ama e a amada —, indicadores de distintas situações afetivas e de duas imagens de mulher que se querem paradoxalmente próximas e distantes na cultura medieval: a mãe e a amante/amada.

Certamente não teria havido problema algum se o trovador dissesse essas coisas numa cantiga de escárnio. Aí, ele estaria em seu devido território: o espaço carnavalesco, da inversão de valores, da troca de papéis. Mas onde reinavam o decoro e a mesura, a demarcação precisa de fronteiras e a preservação da ordem, o poeta se atreveu a desejar: «mamãe, eu quero». E não era carnaval.

NOTAS

1. HOLLANDA, Aurélio Buarque de. **Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. 11 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, s.d.
2. COELHO, D. João Soares. In: LAPA, M. Rodrigues. **Lições de Literatura Portuguesa; época medieval**. 10 ed. Coimbra, Coimbra Editora, 1981. p. 194.
3. LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p. 194.
4. ————. *Op. cit.*, p. 196. Observa Rodrigues Lapa: «Gullhade entrou, pois, na contenda, mas sem grande brilho (CNB 1501). Dirige o escarnho a Lourenço e, com vista a Soares Coelho, diz-lhe que, tendo trobado sempre por boas donas, sempre estranhara os que trobavam por amas amadas».
5. ————. *Op. cit.*, p. 24. Observa Rodrigues Lapa: «A virgem era para o fiel cristão a suave medianeira entre o Céu e a Terra, a que ouvia a prece do suplicante e a transmitia ao Senhor. E há quem veja, até nesta concepção religiosa, transferida para a vida social, a razão profunda do trovadorismo, o seu caráter panegírico, o motivo enfim por que o trovador pedia à senhora e não, como era antural, ao senhor. (Gennrich, *Zur Ursprungsfrage des Minnesangs*, 201).»
6. ————. *Op. cit.*, p. 195.